

A PRIMEIRA VEZ QUE EU LI *FANTASIA PARA DOIS CORONÉIS E UMA PISCINA* DE MÁRIO DE CARVALHO A PRIMEIRA VEZ QUE EU LI *FANTASIA PARA DOIS CORONÉIS E UMA PISCINA*, DE MÁRIO DE CARVALHO

ISABEL MARGARIDA DUARTE

Mário de Carvalho, *Fantasia para dois coronéis e uma piscina*
Lisboa, Editorial Caminho, 2003

A primeira vez que li *Fantasia para dois coronéis e uma piscina*, de Mário de Carvalho, não fiquei presa ao enredo: fui, desde logo, seduzida pela linguagem, pelo uso que dela faz o autor, pela atenção fina ao real da língua nos seus usos concretos. Por exemplo: depois do relato, em discurso directo, das palavras atribuídas a uma personagem, comenta o narrador:

«Mas porque é que estou a mentir? Que impulso entranhado me faz desviar da verdade dos factos e optar por uma elevação de linguagem algo aristotélica, embelezada, mas totalmente incompatível com a opaca e endurecida realidade que há? O que o homem disse não foi «trá-lo», de acordo com a gramática, mas «trázio», de acordo com os seus hábitos.» (pp. 54-55).

Há, neste romance, uma proliferação de vozes trabalhadas com realismo apurado, ao jeito de Cardoso Pires. É possível que o narrador se dirija directamente a um alocutário (por exemplo, os prelados - “Vá, senhores prelados, respondam, digam aos coronéis se estão de acordo com as opiniões que, tão generosamente, nos dispensaram.” p. 148 -, de cujas responsabilidades duas das personagens estavam a falar), tal como o narrador de *Viagens na Minha Terra* falava com os leitores.

«Tentação enorme, ó experiente leitor, de parar aqui e mudar de foco. Fazer actuar o efeito de diferimento. Emanuel estarecido, na expectativa, sem pinga de sangue, por onde andarão os cães horrendos? E mudar de capítulo, passar para São Jorge do Alardo ou Lisboa, e o leitor ansioso, a procurar nas páginas mais adiante, a querer saber se Emanuel foi estraçalhado pelos cães, ou se lhe apareceu, pendurada ao alto, aquela figura divina e providencial que costuma desviar-lhe os caminhos.» (pp. 60-61). (1)

O narrador fala com os leitores, mas também dialoga com as personagens (na página 182 e seguintes, por exemplo, há um curioso diálogo entre o narrador - cujas intervenções não são marcadas pelos habituais operadores citacionais que delimitam, geralmente, o discurso directo -, e Maria das Dores, uma personagem que utiliza, aliás, uma linguagem bastante vulgar, pelo uso da qual o narrador a critica, talvez ironicamente).

Há também, obviamente, conversas das personagens entre elas (os dois coronéis, sobretudo, passam o tempo a conversar um com o outro e já confundem, por vezes, as histórias que narram). Muito

interessante, como se pescada ao vivo no real, é a linguagem da tribo de Nelson, a malta dos *piercings* e de uma certa cultura urbana.

As conversas, neste romance que é, também, uma “fantasia” (e daí escapar, desde o início, à rigidez de género), estendem-se, inclusive, como numa fábula, às interessantes discussões entre o melro e a coruja. Mas se Mário de Carvalho é um atento ouvinte da fala, é, também, por causa da torrencial tagarelice portuguesa, do excesso de falatório: a rábula ao uso exagerado dos telemóveis é de um humor certo, quase cruel.

Na entrevista que deu ao *Expresso* de 22 de Novembro de 2003, o autor diz, a este propósito: “As pessoas conversam, conversam, conversam, onde quer que seja. É aflitivo, absolutamente aflitivo, ir a qualquer repartição ou centro de saúde e ver que as pessoas que nos deviam estar a atender continuam a falar sobre um assunto que em nada nos diz respeito. Eu não exijo que as pessoas tenham sempre assuntos fundamentais a tratar, mas esse falajar tem consequências. Pode ser que algumas análises estejam trocadas. Essa mania de falar, além de ser incómoda, pode ser responsável por muitos erros.” Há, na forma como o narrador inclui relato de palavras no seu discurso, uma maleabilidade, uma flexibilização máxima dos modos de relato que vem de Eça, e está presente em algumas estratégias de relato repetidas, como na p. 182 e seguintes, onde temos as perguntas do narrador sem qualquer marca citacional de discurso directo, enquanto que as palavras atribuídas à personagem (Maria das Dores, no caso), estão em discurso directo canónico (assinaladas com parágrafo e travessão). Mas há, ainda, perguntas em discurso directo com a resposta relatada em discurso indirecto livre ou formas próximas:

« - Ah, pois claro, tenho-me esquecido, mas há algum problema?

Problema propriamente não havia, mas não via razão nenhuma para estar a depender da água do vizinho. E sem contribuir para o motor... Não senhor, ele queria o seu próprio furo, os seus motores, as suas próprias canalizações, os seus pontos de rega, os seus chuveiros, sem abusar do camarada.» (p. 151)

«O que é que o gajo anda a escrever?, perguntei eu ao alferes dele. Não sabia, estava-se nas tintas.» (p. 196).

Noutros momentos, o discurso é-nos relatado à Camilo, de um modo híbrido situado entre o directo e o indirecto, como o do tio de Emanuel, na passagem seguinte:

«O telemóvel de Emanuel emitia um uivo de cão à lua, na ausência dos donos, quando se tratava de gente menos chegada. E aí estava ele a tocar e o tio arrepiado. Que era melhor não atender, que era proibido, que desfalcava a atenção.» (p. 161)

Este, como todo o romance moderno, é um texto feito de textos, constituído por uma heterodiscursividade ímpar, por uma multiplicidade de discursos: o guião de Neusa, Tiago e Nelson, curiosamente relatado no presente, e precedido do típico “- Então é assim... - e foi relatando.” (p. 163), que o autor resume: “Sem aceitar responsabilidades, eu tentarei sintetizar:” (p. 163); o verbete do dicionário de José Pedro Machado, na p. 187; o episódio da telenovela que só depois se percebe que é “transcrição” da televisão (pp. 137-139); as histórias contadas dentro da história, como a do soldado alentejano; a notícia sobre Emanuel nos periódicos (p. 210); as citações constantes de textos que fazem parte do nosso património literário e cultural: da “Nau Catrineta” (p. 215), de *Os Lusíadas* (“Nô mais, ficção, nô mais! Desce tu, Musa, a de sorriso loução”, em que se sente, também, ressoar Homero e um português antigo), do “Noivado do Sepulcro” (p. 222), das canções que todos sabemos cantar, como “o ladrão do negro melro toda a noite assobiou” (p. 143). E sobre estas constantes referências a outros textos, diz, ironicamente, um dos coronéis:

« - Há gajos que se fartam de fazer citações encapotadas só para ver se a malta dá por isso!» (p. 207)

De facto, para lá do explicitamente citado, com ou sem ironia, há a alusão (Soraia Marina é Sórora Mariana... [p. 210]), e a referência concreta a outros textos e outros autores, como Oliveira Martins (p.

182).

Estes, que venho apontando, são traços da narrativa contemporânea, particularmente bem explorados por Mário de Carvalho. Na p. 82, diz-se: “Tenho luzes suficientes para saber que as palavras num texto se contaminam umas às outras [...]”. Depois desta reflexão, segue-se uma intervenção do tio de Emanuel em primeira pessoa, como se se estivesse a dirigir ao sobrinho.

As reflexões sobre os privilégios do autor da narrativa são variadas, como na p. 88. Interessantes, igualmente, são os pensamentos atribuídos a Emanuel, sobre as palavras e o uso que delas fazemos (p. 155).

A forma de tratar a narrativa recorda-nos, por vezes, Fernão Lopes (explicitamente referido na p. 164): “deixemos estes três a discutir como estavam e vamos ver o que algum tempo antes dizia o tio de Emanuel dentro do decrépito mas simpático *Renault*”.

Por último: o texto debruça-se, com ironia, sobre si próprio e a matéria de que é feito quando, a propósito da palavra “pá”, recorda os estudos de Óscar Lopes sobre “assim” (p. 215), ou, noutra ocasião, tece considerações sobre o Prof. Aníbal Pinto de Castro (p. 220).

Narrativa descosida? Enredo, talvez, com pouco que contar (estamos perante uma “fantasia” em que, portanto, tudo é possível), mas revelador de inteligência extrema a apanhar os tiques piores dos portugueses de hoje: o estacionamento em segunda fila, as casas vistosas e parolas, as festas populares, a tagarelice, as claques que arrasam áreas de serviço nas autoestradas. Sublinho, sobretudo, a captação estilizada mas de grande efeito realista da fala, dos discursos que nos abafam e neste romance se entrecruzam com uma ironia e uma finura ímpares. “Quis falar do país. O grande tema deste livro, que se distribui pelos coronéis, pelas mulheres dos coronéis, e por aquele excelente rapaz que se chama Emanuel Elói - [...] -, é a situação em que nos encontramos.” (*Expresso*, 22/11/03).

NOTA

(1) Este leitor não é “benévolo”, mas “experiente”. Já leu muito romance e é capaz de perceber os truques assumidos do narrador. Também sabe que há palavras que deve atribuir à personagem Emanuel, que pode tê-las dito ou pensado apenas, embora nada, graficamente, permita atribuí-las ao jovem. E é, além disso, capaz de identificar as insinuações mais ou menos veladas do texto (como a figura “divina e providencial”, “pendurada ao alto”).

[Voltar](#)